

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim Bimestral - Ano VII, nº 37, Julho / Agosto de 2009

Director: P. Manuel Linda



Associação de Imprensa
de Inspiração Cristã

ANO SACERDOTAL

Que é isso do sacerdócio de Jesus?

1 - Os jornais do mês de Julho traziam frequentemente notícias da Ordenação de novos Padres e de um novo Bispo e comentavam esses números como algo portador de surpresa e de interesse para os leitores. Este facto anda conexo com outros e provoca algumas perguntas de base. Dizemos que são sacerdotes de Jesus Cristo. E uma pergunta de base se pode fazer a propósito: Jesus era sacerdote? E Paulo? E os outros Apóstolos?

Nos Evangelhos Jesus nunca se apresenta como sacerdote, nem designa os Apóstolos por esse nome. Jesus apresenta-se como «Mestre», como «Profeta» do Pai e de um novo Reino, faz apelo à conversão de pessoas moralmente honestas, afirma-se «Pastor» de um novo Povo, e envia os seus Apóstolos como «suas testemunhas», seus «amigos», e «pastores» com Ele. Paulo classifica-se a si mesmo como «servo» de Cristo, «apóstolo de Jesus», «testemunha do Evangelho». Só mais tarde, na carta aos Hebreus, é que se apresenta Jesus como sacerdote. Como se explica tudo isto: são ou não são sacerdotes?

A palavra sacerdote tinha no tempo de Jesus e de Paulo um sentido restrito e, por isso, tanto Jesus como os seus discípulos evitam usá-la, distanciando-se dessa estrutura.

Sacerdotes judaicos, Levitas e Templo

2 - Os sacerdotes eram, no mundo judaico, funcionários do Templo de Jerusalém. Formavam uma classe social com vários graus, havendo sempre um sacerdote máximo, o sumo-sacerdote. O sumo-sacerdote, como chefe do Sinédrio, era o verdadeiro representante de Israel diante dos romanos. Eram sumos-sacerdotes Anás e o genro Caifás. Anás fora nomeado sumo-sacerdote por Quirino, governador romano, e como tal aparece no julgamento de Jesus. Alcançou tal prestígio e aceitação que cinco de seus filhos, o genro Caifás e o neto Matias, foram todos sumos-sacerdotes. O segundo sacerdote na hierarquia era o comandante do Templo, devendo supervisionar a boa or-

Cont. p. 4



Pe. Manuel Linda

**Novo Bispo
Auxiliar de Braga**

**Ordenação Episcopal dia
20 de Setembro, na igreja
de Nossa Senhora da
Conceição, em Vila Real**

Tudo sobre a ordenação **p. 6 e 7**

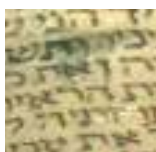


As insígnias do novo Bispo p. 2



Plano Pastoral Diocesano

no Ano Sacerdotal p. 3



Canonicidade e Inspiração da

Sagrada Escritura p. 5

Manuel Linda

No início do novo ministério

Desde que me conheço, fui habituado a procurar “servir o Senhor” e “andar na Sua presença” (Lc 1, 75), para o dizer com uma conhecida frase bíblica. Nascido numa família crente, sempre me pareceu tão natural a vida da fé e a participação na Igreja como, por exemplo, a frequência da Escola Primária.

Com o rodar dos tempos, com a catequese e, muito mais, com o estudo da teologia —não obstante aquela resistência que sempre colocamos à obra de Deus— fui descobrindo que esse serviço poderia exigir-me implicações concretas. Por isso, aceitei o convite da Igreja a ser Diácono e, logo de seguida, Presbítero.

É este presbiterado que, ao longo de vinte e oito anos, tenho exercido com tranquilidade e simplicidade. Nele contava permanecer até ao fim dos meus dias. Eis senão quando, bem contra a minha vontade humana, o Senhor Jesus, por intermédio da Sua Igreja, ainda me pede mais: o Episcopado.

Confesso que, para este novo serviço, tive muito mais dificuldade em dizer sim. Não obstante, aceitei-o confiado na graça divina, na solidariedade do Colégio Episcopal e no «sentido da fé» de todo o corpo da Igreja que sabe bem que esta se edifica somente sob o alicerce visível dos Apóstolos, hoje sucedidos pelos Bispos.

É o que procuro transmitir com o lema e símbolo episcopais. Escolhi, como frase-motivo, o sintético apelo de S. Paulo a todo o homem de fé cristã: “Sede alegres na esperança” (Rom 12, 12). Face a tantas esperanças frustradas, a que o homem e a sociedade contemporâneas lançaram mão e que se vieram a revelar outras tantas des-esperanças ou desesperos, no meu ministério de bispo proclamarei que aquilo que falta hoje é o sentido, o porquê e o para quê daquilo que fazemos e vivemos. E que a verdadei-

ra esperança está dentro da vida e das coisas e lhes concede pleno significado quando aponta para o mistério de Deus, verdadeiro e único horizonte de significação fiável do homem e do mundo.



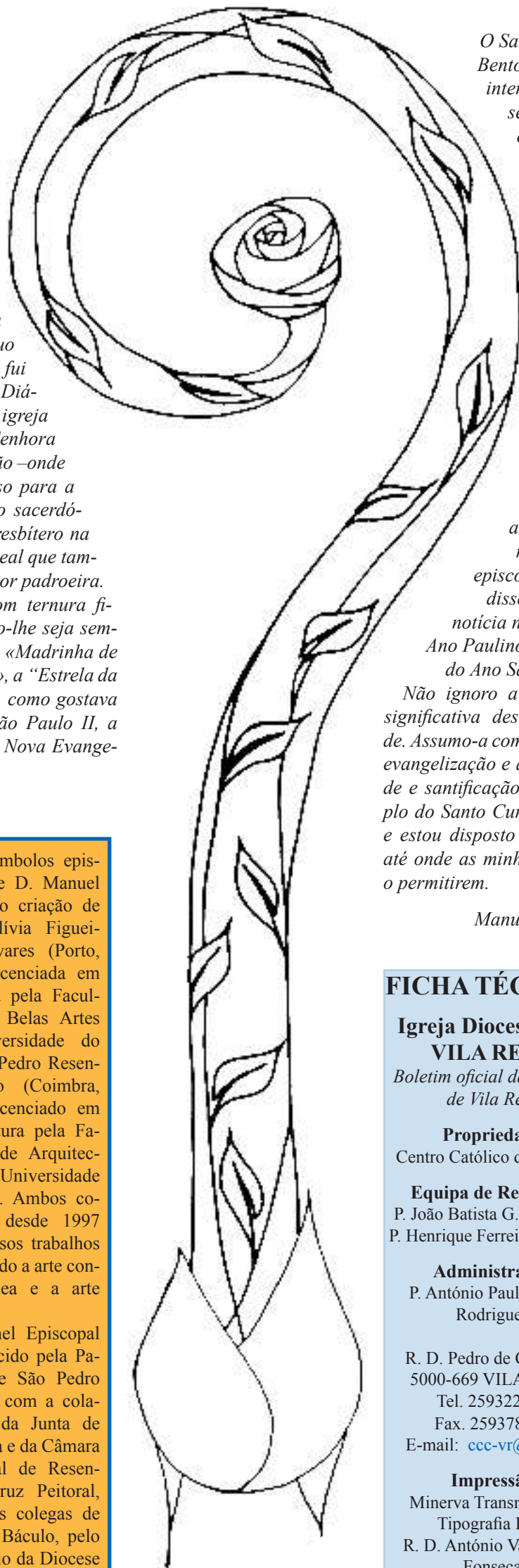
Neste sentido, escolhi a rosa como expressão plástica dessa visão teológica e mandei-a gravar nos símbolos episcopais: cruz peitoral, anel e báculo. Assumo-o como referência a um Deus que é o sumo Bem e o sumo Belo e como metáfora da ressurreição do Seu Filho Jesus Cristo, primícia do homem novo e do tempo novo. É ainda expressão de Maria de Nazaré, a Mulher Nova por excelência, a quem o povo cristão atribuiu o significativo título de “Rosa mística”.

Não podia fazer menos, eu que sempre me quis na sua proximidade e que vi marcar os grandes momentos da minha vida por instituições que se reclamavam da sua especial protecção: nasci numa família de forte devoção mariana; estudei em seminários que a veneram como “Senhora de Lurdes” e “Senhora da Conceição”; no estrangeiro, continuei estudos em Escolas que se acolhem

sob o manto de “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”; fui ordenado Diácono nesta igreja de Nossa Senhora da Conceição —onde hoje regresso para a plenitude do sacerdócio— e de Presbítero na Sé de Vila Real que também a tem por padroeira. Invoco-a com ternura filial, pedindo-lhe seja sempre a minha «Madrinha de episcopado», a “Estrela da Manhã” ou, como gostava de dizer João Paulo II, a “Estrela da Nova Evangelização”.

Os símbolos episcopais de D. Manuel Linda são criação de Alice Olívia Figueiredo Tavares (Porto, 1971), licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, e Pedro Resende Leão (Coimbra, 1971), licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Ambos colaboram desde 1997 em diversos trabalhos abrangendo a arte contemporânea e a arte sacra.

O Anel Episcopal foi oferecido pela Paróquia de São Pedro de Paus, com a colaboração da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal de Resende; a Cruz Peitoral, pelos três colegas de curso; o Báculo, pelo Presbitério da Diocese de Vila Real.



O Santo Padre Bento XVI, por intermédio do seu Núncio em Portugal, D. Rino Passigato, quis,

expressamente, que eu aceitasse o ministério episcopal e que disso se desse notícia no final do Ano Paulino e inícios do Ano Sacerdotal. Não ignoro a intenção significativa desta vontade. Assumo-a como apelo à evangelização e à santidade e santificação, a exemplo do Santo Cura de Ars, e estou disposto a levá-la até onde as minhas forças o permitirem.

Manuel Linda

FICHA TÉCNICA

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim oficial da Diocese de Vila Real

Propriedade

Centro Católico de Cultura

Equipa de Redacção

P. João Batista G. Curralejo
P. Henrique Ferreira Oliveira

Administração

P. António Paulo Sousa Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1
5000-669 VILA REAL
Tel. 259322034
Fax. 259378346
E-mail: ccc-vr@mail.pt

Impressão

Minerva Transmontana
Tipografia L.da
R. D. António Valente da
Fonseca
5000-539 VILA REAL

Plano Pastoral 2009/10

POVO DA PALAVRA POVO SACERDOTAL

I - Clima geral e vínculo ao ano anterior

1- O ano de 2009-2010 foi declarado pelo Papa como um Ano Sacerdotal. Tem como padroeiro S. João Maria Vianey, um pároco de Ars, França, falecido há 150 anos, no clima da Revolução Francesa. A vida desse padre e o seu trabalho pastoral têm muitas semelhanças históricas com o nosso tempo e inclui realidades permanentes.

2- A situação mundial do Padre é hoje muito confusa, na acção e no pensamento: na Europa, não há padres; noutros lugares, há desvios doutrinais sobre o seu ministério, tomando-o ora como promotor de obras sociais, ora como simples promotor de actos de culto; há doutrinadores a propor que o sacerdócio seja confiado a mulheres; outros sugerem o celibato como opção e a ordenação de homens casados.

3- Na nossa Diocese, muitas famílias cristãs escondem ou dificultam aos filhos a vocação sacerdotal, e o número de padres novos em cada ano não preenche as vagas deixadas pelos mais velhos e doentes. Nas estruturas pastorais, depois de anos de um «clericalismo devoto» que confia exclusivamente ao padre tudo o que diga respeito à Igreja, nasce nos leigos o desejo de o «ajudar», mas falta-lhes o investimento na formação teológica e litúrgica específica, limitando-se à boa vontade e amorosismo.

4- No passado e no presente, há um número elevado de padres que abandonaram o exercício do Sacerdócio, facto que obriga a um trabalho de regulamentação das suas vidas e levanta muitas perguntas sobre o Seminário e sobre as famílias.

5- O Ano Paulino despertou algum interesse pela Bíblia, que convém prolongar na actividade deste ano. Por esse motivo, a reflexão sobre o Sacerdote deve apoiar-se na Bíblia, sobretudo na Carta aos Hebreus, em confronto com o Levítico, e nas cartas pastorais de Timóteo e a Tito, embora a doutrina sobre o Padre não esteja toda na Bíblia.

II - Objectivos do Ano Sacerdotal,

1- Ajudar cada padre a uma renovação interior, uma conversão, de modo que se sinta mais feliz consigo e mais optimista, dando um salto de qualidade na sua vida. O empenho pessoal é insubstituível;

2- Proporcionar aos padres meios de cultura teológica e pastoral que lhes permitam fazer a sua formação permanente pessoal e os torne «mais capazes» na tarefa da evangelização;

3- Regularizar a situação canónica de vários padres que abandonaram a vida sacerdotal e se mantêm numa situação errada. Eles recuperarão a alegria e a Igreja aliviar-se-á do peso negativo de padres totalmente marginalizados, ajudando-os a assumir outro estatuto dentro da Igreja;

4- Despertar na sociedade a estima pelo ministério do Padre como um dom especial de Deus à Igreja e ao Mundo, criando assim indirectamente um novo clima vocacional.

III- Acções a desenvolver com o Clero e os Fiéis para se alcançar os objectivos oficiais:

a) Na Hora intermédia da Liturgia das Horas, cada Padre rezará diariamente o hino «Veni Creator Spiritus», para ajudar a despertar o dom recebido na Ordenação;

b) Fazer 15 minutos diários de Oração pessoal diante do Santíssimo.

c) Ler e divulgar as biografias de Trochou - «O Cura de Ars» - Edições Teológica, Braga, e de François Brouhard - O Cura de Ars, visceralmente sacerdote - Paulinas. A primeira é mais documental, a segunda de leitura mais suave.

d) Participar nas colecções mensais dos Padres já agendadas;

e) Continuar pessoalmente e nos grupos a prática da lectio divina usando o texto das cartas pastorais a Timóteo e a Tito e a carta aos Hebreus.

f) Fazer na paróquia a revisão dos Ministros Extraordinários da Comunhão segundo os Estatutos já estabelecidos na diocese;

g) Escolher oportunamente os leigos que hão de participar no Curso de Liturgia sobre as «Celebrações dos Domingos na ausência do Presbítero», a realizar em Junho

de 2010, em Vila Real, integrado no Dia da Diocese.

h) Organizar nas paróquias algumas horas de Adoração Eucarística pelas vocações e santificação do Clero, com a participação de crianças e jovens, e recorrendo ao serviço dos Ministros extraordinários da Comunhão naquelas paróquias sem residência do Pároco;

i) Participação do Clero na Missa crismal, nas Ordenações, no Retiro anual e na Reciclagem teológico-pastoral

j) Fazer em cada Paróquia o levantamento dos nomes dos Párocos desde a criação da diocese e gravá-los num quadro. No dia da morte



do último Pároco, organizar uma Eucaristia de sufrágio por todos eles;

l) Colocar em cada igreja paroquial, de modo estável e visível, um Confessionário. Organizar com mais disponibilidade de tempo o serviço de Confissões, uma tarefa querida do Cura de Ars.

m) Organizar/participar em peregrinações a Ars, França.

n) Encontrar-se pessoalmente com o Bispo diocesano e rever a sua relação com a Cúria diocesana, como exercício da dimensão do presbitério.

o) Participar nas Palestras gerais sobre temas relacionados com o Padre, já agendadas:

- O Sacerdócio levítico e o Sacerdócio cristão (Livro do Levítico e carta aos Hebreus);

- Sacrifícios judaicos e «Sacrifício» de Jesus: estudo bíblico;

- Sacerdócio baptismal e Sacerdócio ministerial (Leigos e Padres na Igreja), com recurso aos textos paulinos;

- A figura do Pastor nas Cartas Pastorais de S. Paulo;

- Bispos, Presbíteros e Diáconos: evolução histórica dos termos e conteúdos.

- O Clericalismo e o Anticlericalismo histórico e literário em Portugal. Factos e desafios pastorais para hoje.

- Aproximação histórica da época do Cura de Ars e da actual: o laicismo oficial, a piedade do povo, a desorientação do clero e carência de vocações.

Apesar da distância de séculos, é fácil encontrar na vida do Cura de Ars muitas semelhanças: o clima revolucionário e anticlerical,

a divisão do clero, a falta de piedade do povo, o valor da residência do pároco no espaço paroquial, a importância do conhecimento rigoroso da paróquia (trabalho ao Domingo, desigualdades sociais, bailes, exercício viciado da actividade profissional), o fazer-se encontrar com as pessoas afastadas, a instrução das crianças e adultos, a oração pessoal e com o povo, a lentidão da adesão dos fiéis, o heróico serviço do confessor, a união interior com Deus e o espírito de penitência pessoal, o amor à Missa, a aceitação da ajuda

dos paroquianos, a influência da mulher na paróquia e na sociedade, a criação de obras sociais por exigência de caridade e dentro do espírito cristão, a estima e educação da piedade popular (procissões, confrarias, capelas, imagens), o brio nas alfaias litúrgicas, a capacidade de angariar e movimentar o dinheiro da paróquia, os desvios supersticiosos graves, o relacionamento com colegas vizinhos, com a Cúria e os bispos, a presença dos políticos, de gente rica e da cultura, as calúnias e as tentações de desânimo, o recurso ao bom humor, as honrarias da Igreja e do mundo, o problema da sucessão, a doença grave, o testamento e a morte.

p) A seu tempo, ler as actas do Simpósio do Clero em Fátima, realizado em Fátima de 1 a 4 de Setembro de 2009.

Vila Real, 8 de Setembro de 2009,
dia da Natividade de Maria.

Joaquim Gonçalves,
Bispo de Vila Real

Que é isso do sacerdócio de Jesus?

Cont. p. 1

dem do culto e garantir a segurança do Templo e dispersão de forças policiais. Vinha depois o grosso da coluna dos sacerdotes comuns. Era sacerdote o pai de S. João Baptista, casado com Isabel, sem filhos.

Os sacerdotes trabalhavam no Templo em dias e turnos fixos. Só uma minoria viva em Jerusalém e arredores. Os sacerdotes eram cerca de 7.200, divididos em 24 classes de 300 homens cada uma. O serviço no Templo era dividido por 50 sacerdotes em cada dia. Nesses dias hospedavam-se no Templo, e não bebiam álcool nem tinham relações sexuais. Os sacerdotes dirigiam a oração e ofereciam sacrifícios, ora queimando o incenso ora animais (rolas, pombas, cordeiros, vitelos), dos quais era retirada uma parte para eles. Os sacrifícios eram exclusivos do Templo, nas sinagogas praticava-se somente o culto da Palavra. Na Páscoa imolavam-se cerca de 18.000 cordeiros, centenas de sacrifícios diários, e, três vezes por ano, acudiam a Jerusalém 150 mil peregrinos. Além do culto, participavam nos julgamentos e na fiscalização da cura dos leprosos. À volta do Templo circulava uma grande estrutura económica e social.

Os levitas eram o grau inferior da classe sacerdotal, cerca de 9.200, divididos em 24 secções. Não presidiam ao culto e não deviam entrar na área dos sacerdotes. Asseguravam o serviço do canto e da música, e as tarefas de guardiães das portas do Templo. E, enquanto judeu, S. Barnabé, pertencia à tribo de Levi.

Compreende-se a razão da ordem dada por Jesus ao leproso por Ele curado para ser ir mostrar ao sacerdote; o comportamento elitista do sacerdote que, perante o homem que descia de Je-

rusalém para Jericó e fora assaltado e deixado na estrada, passa ao lado para não se contaminar com um hipotético marginal; a ousadia de Jesus em atacar o Templo; e também o que significou económica e socialmente a destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 por ordem de Tito, imperador romano.

Novo sacerdócio

3 - Jesus quis deixar bem claro, desde o início, que não vinha prolongar o judaísmo, mesmo que melhorado, nem o sacerdócio judaico nem outras estruturas. Aliás, Jesus era da tribo de Judá, a mesma tribo do rei David, e Paulo era da tribo de Benjamim, e nunca poderiam ser sacerdotes do judaísmo.

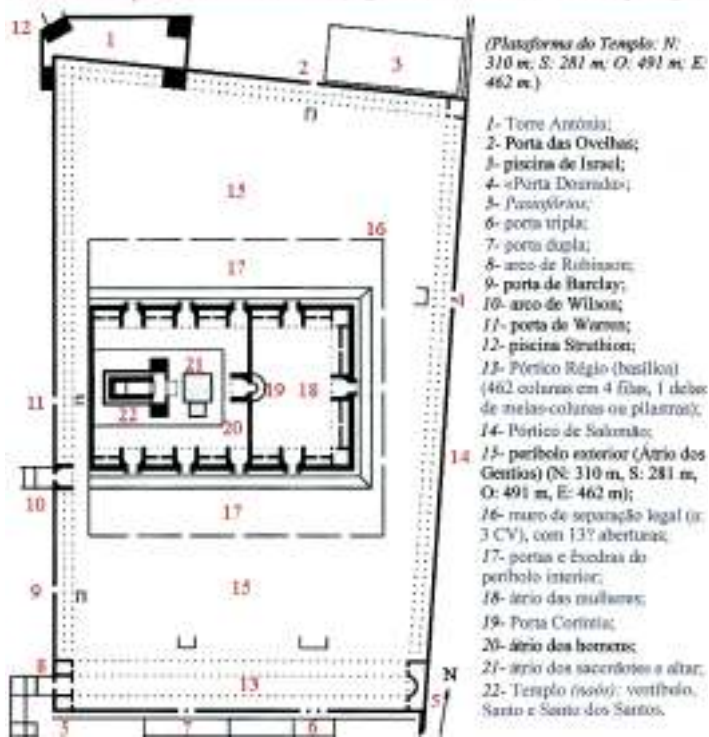
Jesus falou abertamen-

te», mas sacerdote «novo», que oferece um «nova» vítima, um «novo» cordeiro, autor da «nova Páscoa», fazendo uma comparação completa do antigo sacerdócio judaico com Jesus. As palavras «sacerdote, cordeiro, vítima» e outras próprias do culto religioso, são as mesmas do judaísmo, mas o conteúdo delas é totalmente diferente.

Nas cartas a Timóteo, a Tito e aos Efésios, aparecem palavras novas para classificar os responsáveis das comunidades: presbítero, epíscopo ou bispo ou vigilante, e diácono. Tais palavras não têm directamente o sentido de sacerdotes, das de governantes e entre elas não há uma distinção rigorosa. A mesma pessoa chama-se ora presbítero ora bispo ora diácono. Depois da morte de S. Paulo, já no séc. II, é que a Igreja determinou

com rigor o sentido de cada uma dessas palavras como hoje as tomamos: bispo, presbítero, diácono. Ao longo da história, a Igreja criou também os títulos de Cardeal, Arcebispo, Metropolita, Monsenhor, Cónego, os três primeiros para alguns bispos, e os outros dois para presbíteros. Fundamentais são aqueles três: bispo, presbítero e diácono, mas só o bispo e o presbítero são sacerdotes, isto é, só eles consagram.

Planta do Templo herodiano de Jerusalém, segundo Flávio Josefo e os dados arqueológicos



te de um «vinho novo» que vinha trazer e que exige «odres novos», e o povo sentiu que a doutrina de Jesus era uma «doutrina nova», diferente do que era habitual. As próprias autoridades judaicas notaram desde o início que Jesus de Nazaré não se enquadrava no esquema judaico, e procuraram arrumá-Lo.

Compreende-se assim

Também Paulo designa os seus colaboradores como «servos» de Jesus, «ministros» do Evangelho. Só mais tarde, já depois de Jesus ressuscitado haver entrado na glória do Pai e após muitos anos de trabalho de Paulo, é que um cristão, discípulo de Paulo, escreveu uma longa carta, a carta aos Hebreus, classificando Jesus de «sacerdo-

te», mas sacerdote «novo», que oferece um «nova» vítima, um «novo» cordeiro, autor da «nova Páscoa», fazendo uma comparação completa do antigo sacerdócio judaico com Jesus. As palavras «sacerdote, cordeiro, vítima» e outras próprias do culto religioso, são as mesmas do judaísmo, mas o conteúdo delas é totalmente diferente.

Nas cartas a Timóteo, a Tito e aos Efésios, aparecem palavras novas para classificar os responsáveis das comunidades: presbítero, epíscopo ou bispo ou vigilante, e diácono. Tais palavras não têm directamente o sentido de sacerdotes, das de governantes e entre elas não há uma distinção rigorosa. A mesma pessoa chama-se ora presbítero ora bispo ora diácono. Depois da morte de S. Paulo, já no séc. II, é que a Igreja determinou

com rigor o sentido de cada uma dessas palavras como hoje as tomamos: bispo, presbítero, diácono. Ao longo da história, a Igreja criou também os títulos de Cardeal, Arcebispo, Metropolita, Monsenhor, Cónego, os três primeiros para alguns bispos, e os outros dois para presbíteros. Fundamentais são aqueles três: bispo, presbítero e diácono, mas só o bispo e o presbítero são sacerdotes, isto é, só eles consagram.

A oferta é a vida

4 - No confronto do sacerdócio judaico e do sacerdócio cristão, o que é fundamental perceber é que o primeiro tinha o carácter de funcionário do Templo de Jerusalém, cumpridor nacional de ritos. Jesus não criou uma tal estrutura de culto, mas viveu a vida ao serviço do povo e da glória de Deus. Diremos que ofe-

receu a vida do dia a dia, e a Ele se pode aplicar a linguagem do culto: é o sacerdote da sua vida, é o templo, é a vítima e é o altar dessa oferta, que atingiu o ponto mais alto no Calvário. Na última Ceia Jesus instituiu um rito para exprimir a oferta da sua vida inteira em favor do mundo e da glória do Pai.

Deste modo, o cristianismo não tem um culto feito de coisas que funcionalmente se oferecem em vez da vida, mas há vidas que se gastam diariamente em união com Jesus Cristo para bem dos outros e para glória de Deus. Culto e vida diária são inseparáveis. «Não podemos ir para a Igreja de mãos vazias», diziam os antigos cristãos, e todos, mesmo o padre, têm de levar a vida pessoal para a assembleia do culto a fim de a unir a Jesus ressuscitado. No Missal, encontramos ao longo do ano muitas orações em que se pede abertamente que o Senhor aceite a nossa vida, e, em duas anáforas ou orações eucarísticas (oração que vai desde o Sanctus ao Pai Nosso) pede-se explicitamente «que o Espírito Santo faça de nós uma oferenda permanente» (3ª anáfora), «uma oferenda viva» (4ª anáfora). Sem esta consciência da oferta da vida pessoal em união com a vida de Jesus, cairemos numa espécie de culto judaico em que se oferecem coisas, flores, dinheiro, doativos para a igreja, para o padre e sacristão, quando a oferta cristã é a vida pessoal unida à de Jesus. «Ninguém ande a comprar rolas e pombas para substituir a vida».

5 - Ler comparativamente o livro do «Levítico» e a «carta aos Hebreus», pois a leitura contrastante ajuda a entender cada um dos sacerdócios. E isso ajudará compreender o grito de libertação de Paulo na carta aos Gálatas.

Joaquim Gonçalves,
Bispo de Vila Real

Canonicidade e Inspiração da Sagrada Escritura

Aceitamos, com obséquio religioso, os escritos de Paulo como regra de vida e de fé e não só os de Paulo. Porque é que gozam de tanta autoridade? Porque é que os livros do Novo e Antigo Testamento são normativos e credores de tanta credibilidade?

1. A Bíblia é a Palavra de Deus em palavras humanas

Estes escritos de diferentes épocas e géneros literários, aparecidos, no arco de mil anos, são verdadeiramente Palavra de Deus e composição literária de muitos autores, com seu estilo e talento intelectual e literário. Com a sua misteriosa unidade e religiosidade e a multiplicidade de géneros literários e contextos históricos, os livros sagrados são teândricos, divinos e humanos; manifestam e misturam a fidelidade de Deus e também a infidelidade do homem, a santidade de Deus e as deficiências e aberrações dos homens. Foram inspirados pelo Espírito Santo, com fidelidade e sem erro; têm a Deus por principal autor e como tais foram confiados à Igreja, sem deixarem de ser humanos.

A Bíblia é Palavra de Deus, em palavras humanas, história do amor de Deus, ‘Carta de Amor’, onde Deus revela benevolência e o homem louva, adora, se compromete crendo em Deus que faz aliança com ele. Esta admirável obra, humano-divina, fala de Deus que é Amor, desce e vem até nós e faz dos escritos de homens, concretos e limitados, os Seus escritos, com a marca do seu actuar e da sua benevolência divina.

Diz a Constituição sobre a Divina Revelação, do Concílio Vaticano II: “as verdades reveladas por Deus, que se encontram escritas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram redigidas sob inspiração do Espírito Santo... Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas próprias faculdades e capacidades, para que, agindo neles e por meio deles, pusessem

por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria... Toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça afim de que o homem de Deus, seja homem perfeito e esteja preparado para toda a obra boa” (2 Tm 3,16-17 gr.) (D V 11).

2. Os livros sagrados são regra de fé porque foram inspirados por Deus

Da inspiração resulta que a Escritura, obra de Deus e dos homens, é útil e apta para ensinar, corrigir e educar, como diz a Segunda Carta a Timóteo (3,16) e a Segunda de Pedro (1,19-21). Ao declarar que estes escritos são sagrados, normativos, canónicos, reguladores da vida e regra de fé para os crentes, a Igreja confessa que são ‘divinamente inspirados’, revelando Deus e o que Deus quer, por detrás da linguagem e dos géneros literários humanos e diversos estilos e índoles dos autores sagrados.



O texto de 2 Tm 3,16 usa o termo Theopneustos composto de Theos, Deus e Pneustos, derivado de Pneuma, Espírito. Este participio activo é entendido geralmente em sentido passivo: “toda a Escritura inspirada por Deus”, para dizer que Deus toca as faculdades da inteligência, vontade, fantasia e afecti-

vidade do autor sagrado, para obter o escrito teândrico, ao mesmo tempo de Deus e do homem. Para ilustrar esta misteriosa sinergia, os Padres da Igreja recorriam à imagem do compositor musical e da lira. O autor principal é o mesmo, os instrumentos ou autores humanos são diferentes, como a lira, a flauta ou outros instrumentos. O som, querido e idealizado pelo artista, não existiria sem as cordas da lira. O mesmo se passa com a origem da Bíblia.

O vocábulo Theopneustos é participio activo: a Bíblia é inspirada, confeccionada por Deus e expira, manifesta Deus, que fala e se mostra na Escritura, como principal autor.

3. A veneração da Igreja pelas Sagradas Escrituras

A Constituição sobre a Divina Revelação junta os dois sentidos do vocábulo, o passivo de inspirada, obra de Deus e o activo de respiro, manifestação de Deus actuante na Escritura, que se revela aos leitores, para que, crendo, façam, dalgum modo, parte dela: “A Igreja venerou sempre as Sagradas Escrituras, como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando, sobretudo na Sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis, o pão da vida, tanto da mesa da palavra de Deus, como do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé, visto que, inspiradas por Deus e escritas duma vez para sempre, nos comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ouvir, através das palavras dos Profetas e dos Apóstolos, a voz do Espírito Santo” (D.V. 21).

O múltiplo e misterioso sentido da Escritura colhe-se, com a ajuda do

Espírito, que a ajuda a interpretar, na pluralidade de sentidos ocultos, que Ele nela insuflou, como diz Paulo: “A letra mata e o Espírito dá vida” (2 Cor 3,6). O estudo científico navega só na letra do texto, «coisifica» a Escritura, objecto escarpado, esfacelado e decomposto. A Bíblia objecto, manipulada pelo saber neutro do exegeta, como dono orgulhoso das suas sete quintas, não o motivará nunca e corre o risco de lhe dizer muito pouco.

4. A insuficiência do método histórico-crítico

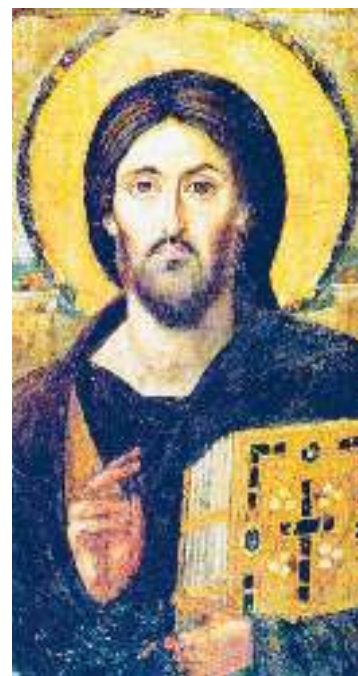
Querer abarcar o sentido espiritual da Escritura só com o método histórico-crítico e a análise histórico-filológica, é como querer abarcar o mistério da presença real de Cristo na Eucaristia mediante a análise química da hóstia ou do vinho. Os literalistas são os novos Ebionitas, isto é, os ‘pobres’ da interpretação bíblica, que ficam só no humano, no literal, no histórico e estritamente literário ou formal. Mas, não cair, no extremo do docetismo interpretativo, porque o significado divino da Escritura colhe-se, pela via da encarnação, no significado humano, que o autor sagrado pôs, na veste dos géneros literários. A Bíblia é sempre teândrica, obra de Deus e do homem. Como a divindade de Cristo se mostra na sua humanidade, assim a Palavra de Deus nos atinge e se dá a conhecer, nas palavras, estilo e modos de ver e narrar do autor sagrado.

A Bíblia fala de Cristo, que respira, se mostra, na Escritura, que é produto da admirável sinergia do Espírito de Deus e da liberdade do autor humano.

Diz S. Jerónimo que a

‘ignorância da Escritura é ignorância de Cristo’. Ela fala do Filho de Deus, em tudo igual ao Pai e verdadeiro homem, igual a nós, “excepto no pecado”.

Diz a Carta aos Hebreus: “Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitos modos, pelos Profetas, agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho a quem constituiu herdeiro de tudo e por quem igualmente fez o mundo” (Heb 1,1-2).



A Bíblia não é pura ‘verdade caída do céu’ ou ditado, como o Alcorão, só obra de Alah, sem ajuda humana, segundo os muçulmanos. Nós cremos que Deus uno e trino, ao manifestar-se, não exclui, nem anula, mas abraça, salva e respeita sempre o homem, pois desceu, incarnou, para ser Deus conosco, em Cristo, Seu Filho, que, por nós, se fez um de nós e habitou entre nós (Jo 1,14). A Bíblia é obra teândrica de Deus Pai, que age pelo Verbo e pelo Espírito, servindo-se das faculdades e liberdades dos diferentes autores dos livros bíblicos, na sua composição literária, de forma a serem Palavra de Deus em palavras humanas, cujo sentido inesgotável se descobre e ‘cresce com a leitura’, como disse S. Leão Magno.

Amândio Tomás

Manuel Linda

ORDENAÇÃO EPISCOPAL: Fé e Cultura

1 - No dia 20 de Setembro, pelas 16 horas, celebra-se na igreja da Senhora da Conceição de Vila Real a Ordenação episcopal do P. Doutor Manuel da Silva Rodrigues Linda, até agora Reitor do Seminário diocesano. É vontade da Igreja que, antes da celebração, se dêem aos fiéis algumas informações de natureza catequética e litúrgica, que trazem consigo séculos de cultura e de fé e ajudam a perceber o ritmo da celebração. Vamos cingir-nos ao mais importante, esclarecendo o conteúdo de vocábulos como bispo, presbítero, diácono, cristão, sacerdote, ordem, hierarquia, presentes na celebração.

2 - A pessoa baptizada, crismada e assídua à Eucaristia é um cristão completo: nasceu pelo baptismo, cresceu pelo crisma, celebra a eucaristia dominical, irradiando a fé à sua volta.

O sacramento da Ordem não está ligado ao ser cristão, mas ao governo da Igreja. Tanto o sacramento da Ordem como o Matrimónio são só para alguns cristãos, os que assumem a tarefa de governar a Igreja, e os que constituem família cristã. Os três primeiros sacramentos (Baptismo, Confirmação e Eucaristia) é que dão o estatuto

Igreja nas comunidades cristãs e distribuir poderes, foram buscar as palavras e as estruturas à cultura grega e romana e deram-lhes um sentido mais rico e espiritual. S. Paulo, por exemplo, na carta aos Efésios diz que, na Igreja, Deus a uns constituiu Apóstolos, a outros profetas, a outros doutores, a outros deu o poder de curar, em ordem ao bem comum e unidos entre si como membros de um só corpo cuja cabeça é Cristo (Ef 4,11-16).

Este modo de proceder dos Apóstolos fazia parte do poder que Jesus lhes dera para organizarem

velhos» para designar aqueles que colaboravam com eles. Quando se diz que presbítero significa o mais «velho» isso não quer dizer necessariamente «idoso», mas «mais adulto», mais seguro na fé. Nas cartas de S. Paulo e de S. Pedro, os termos bispo e presbítero aparecem algumas vezes como sinónimos. Mais tarde, no final do século I, sobretudo com S.to Inácio de Antioquia, as palavras assumiram tarefas distintas, ficando a palavra bispo para designar os «governantes» das comunidades da cidade, e a palavra «presbítero» para aquele

aplica-se aos homens que exercem um trabalho específico de pregação, na Eucaristia e na organização das obras de caridade da Igreja.

Portanto, as três palavras - bispo, presbítero e diácono, sobretudo as duas primeiras, - passaram a designar as pessoas que exercem o poder do governo na Igreja, com especial riqueza e conteúdo espiritual. Só os bispos e presbíteros é que são «sacerdotes», pessoas ligadas fundamentalmente ao culto sacrificial, a Eucaristia, ocupando os bispos o primeiro grau do sacerdócio ou pontífices, e os «presbíteros» o segundo ou cooperadores dos bispos. Os diáconos não têm sacerdócio e podem ser casados.

Essas pessoas constituem a «Hierarquia» da Igreja, escalonada em três graus ou «ordens»: ordem dos bispos, ordem dos presbíteros, ordem dos diáconos.

6 - A palavra «Ordem» é de origem latina e usava-se na Roma antiga para designar as pessoas com especial responsabilidade no governo da sociedade. Daí o chamar «desordenada» a uma sociedade anarquizada. No interior a Igreja é usada para designar os membros da hierarquia. A entrada de uma pessoa na hierarquia da Igreja chama-se «ordenação» ou «sacramento da Ordem», que se recebe por etapas ou graus ou «ordens» ordem dos bispos, ordem dos presbíteros, ordem dos diáconos. Nasce daí a palavra «Hierarquia» da Igreja, que designa «poder sagrado» e «escalonado» em graus ou «ordens»

Como a palavra Ordem teve origem civil e honorífica, a Igreja tem insistido sempre que é preciso não transformar a «ordenação» em honrarias, mas manter o espírito de «serviço» e de «pastor», como faz a Bíblia.

As palavras «diocese» e «paróquia» não eram usadas no tempo de S. Paulo. Vieram também da administração civil e significam a «casa» ou «espaço» ou «comunidade» quase familiar.

7 - Como se prepara um bispo? Como se faz uma Ordenação?

A escolha de um padre ou presbítero para bispo começa pela indicação do seu nome pelos outros bispos. Sobre ele se pronunciarão por escrito várias pessoas possuidoras de critérios cristãos (homens, mulheres, religiosos, padres e bispos). Depois de um estudo



de vida cristã. Convém ter sempre presentes as raízes, porque, se começamos pelo sacramento da Ordem, fica-se com a sensação de que os cristãos leigos são quase um «zero».

3 - A Bíblia revela a preocupação constante de Jesus em instruir e converter as multidões, e, paralelamente, uma preocupação especial em escolher e preparar o grupo de doze homens que haviam de governar a Igreja. Jesus chamou-lhes «pastores», «servos» e «enviados» ou «Apóstolos», e não usou as palavras sacerdotes, nem padres, nem bispos. Quando mais tarde os Apóstolos tiveram de organizar a

a Igreja, pois os Apóstolos, fiéis à mensagem de Jesus, não estavam prisioneiros do vocabulário primitivo. As palavras a que recorreram os Apóstolos têm hoje um sentido especial no interior da Igreja.

4 - A palavra «bispo» era usada na cultura grega para designar os que «governavam» as cidades, tanto na área militar como na administrativa. Não admira que S. Paulo e outros escritores cristãos que trabalharam nas cidades gregas a utilizassem para designar os pastores responsáveis pelas grandes comunidades cristãs das cidades gregas, verdadeiros sucessores dos próprios Apóstolos. Também usaram a palavra «presbíteros» ou «os mais

que colabora com o bispo e governa pequenas comunidades.

O conjunto dos presbíteros forma o «presbitério» cuja cabeça é o bispo; e os bispos formam um «colégio episcopal» cuja cabeça é o Papa.

5 - Uma outra palavra grega entrou também no vocabulário cristão, a palavra «diácono» que, de si, significava «servidor», pessoa disponível para ajudar o chefe. Foi usada pelos escritores para designar os servidores dedicados, incluindo o próprio Jesus, aquele que vem «servir» o plano de Deus. Diaconia é, literalmente, um serviço, a atitude de generosidade em favor de alguém e de uma boa causa, e

Cont. p. 7

ORDENAÇÃO EPISCOPAL: Fé e Cultura

Cont. p. 6

conjunto desses depoimentos, é enviada uma lista de três candidatos ao Papa que escolhe um deles, e passará a ser «bispo eleito». Receberá depois o sacramento da Ordem ou «ordenação sacramental» em Roma pelo próprio Papa ou por outro bispo e em comunhão com o Papa. Se morrer antes da «ordenação», manterá o nome de bispo eleito.

8 - A «Ordenação episcopal» é um acto sacramental que confere uma especial efusão do Espírito Santo para governo do Povo de Deus. Há aqui dois elementos inseparáveis: o poder de «governar», isto é, a responsabilidade na condução da Igreja; e o «sacerdócio», ou seja, o poder de celebrar o sacrifício da Eucaristia. Em si mesmas, são coisas diferentes. Antes de ser bispo o candidato já era sacerdote, e, ao ser ordenado bispo, recebe a «plenitude do sacerdócio», a que a liturgia chama «sumo sacerdócio» ou «pontífice» da Igreja, outra palavra de origem latina. Antes do Concílio, dizia-se «sagração» do bispo porque o bispo é ungido com óleo santo do crisma na cabeça, e não se dizia «ordenação» porque

O presbítero tem o segundo grau do sacerdócio.

9 - O acto sacramental da «ordenação» é o rito composto pela «imposição das mãos» dos outros bispos e pela oração de consagração ou invocação especial ao Espírito Santo. Por esse gesto, o bispo é «integrado no grupo ou colégio dos bispos», a que preside o Papa, e recebe um «dom especial do Espírito Santo» que começara a receber no baptismo e no crisma. Durante essa oração, bastante longa, o livro dos Evangelhos é colocado e mantido suspenso sobre a cabeça do bispo, a lembrar que ele deve deixar-se possuir pela Palavra

Antes desse rito fundamental, há um conjunto de actos reparatórios: a apresentação e pedido do Povo de Deus, a lembrar que o ministério do bispo se destina ao povo de Deus; e o candidato fará depois a profissão de fé, a promessa de fidelidade ao Papa; invoca-se a intercessão dos santos, faz-se a prostração no pavimento. Tudo isso indica claramente que o episcopado é uma acção de Deus e vive-se integrado no grupo ou «ordem» dos bispos.

10 - A ordenação do bispo faz sentir claramente que o ministério episcopal não nasce de um despacho jurídico, como se faz no mundo para um certo número de anos, findos os quais, a pessoa regressa ao estado anterior. A Igreja faz uma «sagração» da pessoa em união com Cristo. Isto distingue perfeitamente o sacramento da Ordem do sacramento do Matrimónio: neste não há nenhuma sagração, pois o homem assume a tarefa de formar uma comunhão de vida com uma mulher e recebe a graça para essa união enquanto vivos, e, ao morrer uma das partes da equipa desfaz-se, ficando a pessoa livre para constituir nova equipa, mantendo a obrigação em relação aos filhos menores que nasceram dessa primeira equipa. A relação do bispo é com Cristo, e mesmo deixando a diocese, continua bispo.

11 - A Igreja designa sempre o lugar de trabalho dos bispos e dos presbíteros e, ao iniciarem essa tarefa, assinarão um documento jurídico como «bispo de». Aos bispos auxiliares e aos que trabalham ao serviço do Papa no Vaticano, sem diocese própria, a Igreja atribui-



alguns teólogos ensinavam que o sacramento da Ordem se recebia totalmente na ordenação de presbítero; agora usam-se os dois termos, dando prioridade ao de ordenação, a fim de sublinhar que sacramento da Ordem só atinge a plenitude no Episcopado. É o primeiro ou grau máximo do sacramento da Ordem.

Depois da «ordenação» propriamente dita, são entregues ao novo bispo as insígnias ou sinais exteriores: o «anel» como sinal da fidelidade à fé e à doutrina e de responsabilidade na defesa da Igreja; o «báculo» como sinal do pastor e evangelizador; e a «mitra» como sinal de apelo à santidade, semelhante ao resplendor dos santos.

lhes o nome de localidades antigas que já tiveram bispo. É um modo de fazer memória da Igreja. A D. Manuel Linda foi-lhe atribuído o nome de «bispo de Case Mediane», uma antiga diocese no Norte de África, hoje inexistente. A cidade de Chaves, que já teve um bispo local chamado Idácio, tem sido dada como título a alguns bispos

auxiliares portugueses e estrangeiros. Esses títulos abandonam-se quando passa a bispo de uma diocese actual. Ao terminar os anos de governo dessa diocese, o bispo diocesano chama-se bispo «emérito» e conserva o nome da última diocese que governou: «bispo emérito de...». (Antigamente dizia-se «resignatário»).

O Bispo que representa o Papa junto do poder político nas várias nações tem o nome genérico de Núncio Apostólico. Em Portugal tem a sua residência em Lisboa. Actualmente é o senhor D.Rino Passigato.

Os nomes de arcebispo, de primaz e outros, dados a alguns bispos, são títulos honoríficos de origem histórica ou jurídica que não alteram a sua condição fundamental de bispos.

Antes da ordenação de um Bispo, a Igreja pede aos seus amigos e aos fiéis muita oração para que o Bispo seja fiel à doutrina, ao Papa e aos compromissos; seja capaz de entender o mundo, as suas aspirações e os seus erros; e seja corajoso na acção pastoral.

*Do Secretariado Diocesano
Coordenador da Pastoral*

Nota informativa da Vigararia Geral

Às 16 horas do dia 20 de Setembro, celebrar-se-á, na igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Real,



a Ordenação Episcopal de D. Manuel da Silva Rodrigues Linda, como Bispo Auxiliar de Braga, até ago-

ra Reitor do Seminário de Vila Real.

Será Bispo Ordenante D. Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real, e serão Co-ordenantes D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga, e D. Rino Passigato, Núncio Apostólico em Portugal.

Em algum dos Domingos anteriores, os Párocos deverão comunicar aos fiéis esta Ordenação, explicando a missão do Bispo na Igreja de Cristo, e pedindo-lhes a oração, como se faz diariamente na anáfora eucarística.

D. Manuel Linda é o 4º bispo saído do Clero dio-

cesano nestes últimos 21 anos. É natural de Resende, Diocese de Lamego, tem 53 anos de idade e é o mais velho de uma família de três irmãos. Foi ordenado Presbítero no ano de 1981.

Além da Licenciatura em Teologia, na Universidade Católica Portuguesa – Porto, tem ainda a Licenciatura em Humanidades (UCP – Braga), estudos eclesiológicos de segundo grau, em Roma, e o doutoramento em Teologia Moral na Universidad Comillas de Madrid, Espanha.

O Vigário-Geral

P. António de Castro Fontes

A D. Manuel da Silva Rodrigues Linda, Reitor do Seminário de Vila Real, Eleito Bispo Auxiliar de Braga

A chamada do Dr Manuel Linda, Reitor do Seminário diocesano, ao Episcopado é, para o Bispo da Diocese, para o Presbitério diocesano e para toda a Igreja de Vila Real, uma hora de alegria eclesial.

Com ele, são já quatro os bispos actuais saídos do Presbitério diocesano de Vila Real nos últimos vinte e um anos. (Os outros três são o bispo de Setúbal, D. Gilberto Canavarro; o bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto; e o bispo coadjutor de Vila Real, D. Amândio Tomás, aos quais há que acrescentar o bispo de Bragança-Miranda, D. António Montes, natural deste concelho de Vila Real, e pertencente à Ordem Franciscana).

Sejam quais forem as carências de Sacerdotes numa diocese, a eleição de Presbíteros para ingressarem no Colégio Episcopal é uma prioridade fundamental na vida de qualquer diocese. Também aqui se aplica a palavra de Jesus: «quem perder a vida por minha causa e por causa do Reino de Deus há-de ganhá-la-á». Creio que o Senhor compensará as dioceses por estas perdas imediatas.

O Dr Manuel da Silva Rodrigues Linda é natural da diocese de Lamego (15.04.1956), frequentou o Seminário Maior de Vila Real e foi ordenado presbítero para a mesma diocese aos 10.06.1981. Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga em 1988, em Teologia pela Faculdade de Teologia da UCP (Porto), Doutorado em Teologia Moral pela Universidad de Comillas (Madrid).

Foi Pároco, Reitor do Seminário, Vigário Episcopal para a Cultura, Coordenador da Pastoral na Diocese, Professor da UCP (Porto) e de várias Escolas e trabalhou no Tribunal Diocesano.

Envio a D. Manuel Linda o testemunho de júbilo fraterno pelo seu chamamento, júbilo partilhado por toda a Diocese, agradeço a variada colaboração pastoral que prestou à Diocese, e todos lhe desejamos muita saúde e um longo e fecundo episcopado.

Vila Real, 29 de Junho de 2009. Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real

Movimento eclesiológico

Na revisão anual dos serviços diocesanos, o senhor Bispo fez as seguintes nomeações:

P. Fernando dos Santos Lopes Guerra, dispensado da paróquia de Couto de Dornelas e nomeado pároco das Alturas de Barroso, no concelho de Boticas, mantendo o restante serviço noutras paróquias;

P. Delfim Manuel Sousa Seixo, dispensado da paróquia das Alturas de Barroso, pároco do Couto de Dornelas, mantendo o restante serviço pastoral;

P. Sérgio Ribeiro Dinis, Coordenador da Pastoral diocesana, e Assistente diocesano dos Cursos de Cristandade, mantendo o serviço pastoral anterior;

P. Manuel da Silva Coutinho, dispensado de Loureiro, Fontelas, Moura Morta e Vinhós, e pároco da vila de Mesão Frio (S. Nicolau, Santa Cristina, Vila Jusã) e Barqueiros, Oliveira e Cidadelhe, todas do concelho de Mesão Frio.

P. Sérgio Manuel Tomé Correia, pároco de Vila Marim, Sedielos, Vinhós e Moura Morta, a residir com o Pároco de Mesão Frio;

P. Luís Gouveia Marçal Monteiro, pároco de Fontelas e Loureiro, sem prejuízo do trabalho anteriormente confiado;

P. Zeferino de Almeida Barros, auxiliar do Arcipreste e Pároco do Peso da Régua.

Os seminaristas em estágio pastoral

ficarão assim distribuídos:

Adão Filipe Macedo de Moura, com o pároco da Campeã e no Secretariado Diocesano da Catequese;

Calos Manuel Dias Rúbens, na equipa formadora do Seminário em Vila Real;

Daniel Cerqueira Afonso, na paróquia de Mondim de Basto e Secretariado Diocesano da Juventude;

João Paulo Castanheira Pinto, na paróquia de Vila-randelo e orientador local da Catequese de Adultos;

Marco Paulo Monteiro Amaro, na paróquia de Telões, Vila Pouca de Aguiar.

Governo da Diocese

Na distribuição das tarefas de governo diocesano, o Senhor D. Joaquim Gonçalves, bispo diocesano, assegurará os serviços centrais diocesanos e as celebrações oficiais na Sé e outras; o senhor D. Amândio José Tomás, fará as visitas pastorais, assumirá a reitoria do Seminário de Vila Real e acompanhará a pastoral dos movimentos laicais organizados.

Bispo português no Vaticano

D. Manuel Monteiro de Castro, até há pouco Núncio Apostólico em Espanha, foi nomeado pelo Santo Padre secretário da Sagrada Congregação dos Bispos, em Roma. A Congregação é uma espécie de ministério que auxilia o Papa na escolha dos Bispos e tudo o que se relaciona com o seu ministério.

D. Manuel é natural de Guimarães e desde a sua ordenação sacerdotal esteve sempre ao serviço da diplomacia do Vaticano nas várias regiões do mundo.